

O COMBOIO EM PORTUGAL

Departamento de Informática
Universidade do Minho
Campus de Gualtar
4710-057 BRAGA
Telefone: 253.604457
Fax: 253.604471

<http://ocomboio.net>

024 "O COMBOIO TEM UMA CARGA POÉTICA COMO NENHUM OUTRO MEIO DE TRANSPORTE" - JORGE PALMA



Músico, compositor, cantor, Jorge Palma tem uma vida ligada ao comboio como nenhum outro artista em Portugal. Sempre acompanhado da sua guitarra, percorreu "meio mundo" sobre carris. E como "o comboio é inspirador", assegura peremptoriamente, foi durante essas viagens que compôs algumas das canções que o conduziram ao sucesso.

Foi também de guitarra ao tiracolo que na estação de S. Bento, no Porto, em 4 de Agosto de 2004, após ter aceite um convite do Boletim da CP, falou de si e da sua inabalável paixão pelo comboio. Aos "amigos ferroviários" deixou uma mensagem épica e um agradecimento pela concretização de um "sonho". São essas palavras e essa dedicatória que com o consentimento de Jorge Palma aqui reproduzimos, hoje, a 150 dias da comemoração do tricinquentenário dos caminhos-de-ferro portugueses.

**PAULO VILA,
Barcelos, 1 de Junho de 2006**



Jorge Palma confessa que permanece fascinado pelo caminho-de-ferro

“O COMBOIO TEM UMA CARGA POÉTICA COMO NENHUM OUTRO MEIO DE TRANSPORTE”

Porque “sempre” achou “muita piada às locomotivas”, Jorge Palma bem cedo tratou de estabelecer uma ligação quase umbilical com o caminho-de-ferro. De tal modo próxima que “quando era bebé”, conta, “tinha uns 2 ou 3 anos, ia ficando debaixo de um comboio” nas proximidades do Cadaval. “É uma imagem que eu guardo...”, sussurra. Talvez por isso, Jorge Palma confessa que ainda hoje, e tal como na infância, continua “apaixonado pelo comboio” e por tudo

aquilo que ele representa. “Há uma mitologia tão grande associada ao comboio que apaixonou as pessoas. E a mim, de facto, cativa-me.”

Jorge Palma fala sobre o comboio com ternura. Dedicar-lhe palavras bonitas, que escolhe com mestria. Associa-o à poesia. À saudade. E, sobretudo, ao romantismo. “Eu tenho uma imagem romântica do comboio”, exclama, ainda antes de começar a cantar um excerto de uma canção de Paul Simon: “Toda a gente gosta do som de um comboio à distância...”. Quase no mesmo tom, o cantor recorda “os tempos em que a viagem de Lisboa para Albufeira demorava horas e horas”. “O comboio de hoje não tem o romantismo do comboio an-





© PAULO VILA

tigo”, lamenta, mas, ainda assim, “faz parte” do seu “conjunto de ícones”. “O comboio está lá!...”.

Mas o caminho-de-ferro não está somente no memorando iconográfico de Jorge Palma, está também em algumas das suas letras e canções. Em “O Lado Errado da Noite”, por exemplo, um dos mais aclamados álbuns do cantor, Jorge Palma recorda os tempos em que “Santa Apolónia arrotava magotes de gente / Do seu pobre ventre inchado, sujo e decadente / Quando Amélia desceu da carruagem dura e pegajosa / Com o coração danificado e a cabeça em polvorosa...”. O autor explica-se: “Na maior parte das vezes, as viagens que eu fiz durante muito anos foram sempre de comboio, e a estação que utilizava era a de Santa Apolónia. E essa canção, que é precisamente ‘O Lado Errado da Noite’, foi feita em São Pedro de Moel e a ideia foi contar a história

de um rapaz... uma história que me foi contada por uma miúda que eu conheci lá. E lembrei-me da estação de Santa Apolónia, porque, de facto, era a estação onde eu chegava quando regressava a Portugal.”

Da sua participação no álbum “Espanta Espíritos”, uma colectânea de 1995, surge “+ Um Comboio”. Também aqui, Jorge Palma não tem dificuldade em justificar a opção: “o comboio está sempre presente no meu imaginário. Podia ser mais um avião, mas não fazia sentido. O comboio tem uma carga poética como nenhum outro meio de transporte.”

Felizmente, Jorge Palma assegura que, no futuro, o comboio continuará a fazer parte das suas letras. “É uma imagem que eu utilizarei sempre”, (...) já “está enraizada”. O que também é muito provável é que o compositor continue a escrever algumas das suas letras durante as

viagens que faz... “O comboio é inspirador porque a paisagem está sempre a mudar” e “é muito mais fácil para mim meter-me num Alfa ou num Intercidades do que meter-me no automóvel e ir a conduzir. Vou descansado, durmo, leio, faço qualquer coisa. Não há dúvidas de que é muito melhor viajar de comboio (...) e, de facto, compensa.” Para Jorge Palma, “não se pode comparar o comboio a nada”, razão pela qual o associa também “à viagem, à partida, à descoberta de paragens novas... o comboio tem uma imagem muito romântica. Tem a ver também com os filmes e com as canções.”

Sem entrar em grandes pormenores quanto às “cenas românticas” em que se envolveu durante as muitas viagens que já fez, Jorge Palma prefere recordar um dos momentos “anedóticos” passados no comboio quando um “amigo dinamarquês” o visitou em Portugal “com o seu



© PAULO VILA

contrabaixo...". "Estivemos no Algarve a tocar e depois íamos para a Serra da Estrela. Eu ia ter com o Paco Bandeira, tinha um concerto com ele. Esse meu amigo decidiu vir comigo e meteu o contrabaixo naquela parte superior de colocar as bagagens, onde eu, aliás, me pus a dormir, porque cabia. Às tantas, abro os olhos e vejo que o braço do contrabaixo pura e simplesmente tinha derretido com o calor. Até pensei que estava a sonhar...".

Por delicadeza não perguntámos a Jorge Palma se nessa altura tinha bilhete, coisa que raramente acontecia sempre que, e fê-lo "imensas vezes", optava por "partir para lugar incerto". "Aí, normalmente, eu e os meus companheiros, músicos de rua, músicos de estrada... nós não comprávamos bilhetes". Por

isso, "havia sempre um momento na viagem em que aparecia o controlador e, claro, a história era sempre a mesma: – Ah! Perdi o bilhete. Que chatice! – Okay! Onde é que vive? – Olhe, vivo na rua... [risos] – Mas como o pessoal do comboio se estava a marimbar, estava sempre tudo bem..."

"Só que houve uma altura", prossegue o músico, – "e aí foi chato porque eu ia com a mãe dos meus filhos, na altura de namorados" – em que o plano não resultou. "Isto passa-se em França, íamos para o Sul, para a Riviera, e eu já habituado a esse esquema disse ao revisor: – a gente perdeu o bilhete. Mas eu estava um bocado ressacado e, talvez, com um ar um bocado arrogante... É pá! O controlador não gostou e disse-me: – Ai é? Então

na próxima estação vai à rua. – Eu respondi-lhe: – o senhor não tem o direito de fazer isto! – Não tenho? – perguntou-me. Ele era enorme e pegou em mim, literalmente, e pôs-me na plataforma. Mas a minha namorada, as bagagens e a minha guitarra seguiram. Depois fiquei aos gritos na plataforma: a minha mulher! A minha guitarra!...

De resto, e de uma vida sempre muito próxima do comboio, Jorge Palma recorda ainda e com particu-

lar emoção as viagens que fez quando frequentou um colégio interno. “Estou a falar de 1964/65... do comboio cheio de magalas. Estávamos na altura da Guerra Colonial e essa era uma viagem triste!”

A partir daí, seguiram-se muitas outras, as que ajudaram Jorge Palma a eleger o comboio como um “meio de transporte único” e, mais do que isso, como um símbolo que promete eternizar através das suas músicas. A passagem de comboio

pela ponte sobre o rio Kwai, (quem não se lembra do filme de David Lean?) durante uma visita que fez à Tailândia, é lembrada como sendo “fascinante”, e o objectivo é agora “fazer o transiberiano”. Em Portugal, Jorge Palma já percorreu quase toda a geografia ferroviária e elege a linha do Douro como uma das “preferidas”.

NOTA: A reprodução parcial ou total deste documento para fins editoriais é proibida sem a autorização prévia do autor.



Amigos Formosíssimos:

estão prestes a completarem-se
150 anos desde o principio
do Sonho que vocês construíram,
têm vindo a construí-lo, a torná-lo
realidade, e à volta do qual
hantos outros sonhos, os nossos
-os dos vizinhos - se foram
concretizando. Obrigado pela
poesia, pelo esforço, pela
abnegação, pela vigília que
nunca pela chegar ao fim.

Parabéns! Abração de

Jonas 

Estácio de São Bento. Porto. 4/8/2004

“Amigos Ferroviários:

Estão prestes a completar-se 150 anos desde o princípio do sonho que vocês construíram, têm vindo a construir, a tornar realidade, e à volta do qual tantos outros sonhos, os nossos – os dos viajantes – se foram concretizando. Obrigado pela poesia, pelo esforço, pela abnegação, pela viagem que nunca pode chegar ao fim.

Parabéns!

Abraço do Jorge Palma

**Estação de São Bento, Porto.
4/8/2004”**